

O discurso do capitalista entre algoritmos e automatização¹

Victória Kniest²

Marcos Vinícius Brunhari³

Resumo

Ao compreender a internet plataformizada como campo do avanço neoliberal, questiona-se o estatuto do objeto tecnológico, os algoritmos, à luz das perspectivas de Freud e Lacan. Busca-se investigar a ideia freudiana de um deus-protético que se justapõe à posição do sujeito na proposta lacaniana do discurso do capitalista. Interrogamos os autômatos e os ideais contemporâneos a partir do contexto tecnológico, pelo qual promovem uma nova razão autômata. Assim, o filme *Metrópolis* (Lang, 1927) orienta a discussão sobre a ordenação pela via do capital e sua relação com a ciência e auxilia os questionamentos referentes a essa articulação necessária ao campo tecnológico. Nesse sentido, a internet plataformizada é compreendida como veículo e suporte de uma razão que torna a objetualização, uma tentativa falaciosa de unificar sujeito e objeto, como um projeto subjetivo, ao sustentar os ideais pela identificação das massas e pela obediência à demanda forjada pelo algoritmo. Assim, compreende-se o discurso do capitalista como uma proposta, ao mesmo tempo, de automatização e de uma lógica antidiscursiva no campo da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. Algoritmo. Discurso do capitalista. Autômato. Cultura.

¹ Este artigo é derivado da dissertação de mestrado intitulada *Mais além dos autômatos: discurso do capitalista e a estrutura da internet*, da primeira autora, sob orientação do professor doutor Marcos Vinícius Brunhari, defendida em março de 2023, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

² Psicanalista. Doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestra em Psicanálise pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente de Psicologia na Universidade Nove de Julho. Orcid: <http://orcid.org/0009-0008-0040-8037> E-mail: vkniest@gmail.com

³ Psicanalista. Professor doutor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5369-2915> E-mail: mvbrunhari@gmail.com

Introdução

Mesmo que Freud e Lacan não estivessem seduzidos pela ideia de um mundo digitalizado, os psicanalistas ainda nos oferecem possibilidades de leitura de nossos ideais, ao avizinhamos as leituras de seus respectivos tempos. Para isso, observamos a contrapelo uma espécie de crítica freudiana ao capitalismo (Freud, 1930/2020) ao lermos suas opiniões acerca dos ideais modernos, assim como destacamos a análise de Lacan (1972/1978) ao perceber uma mutação discursiva e suas consequências no laço social a partir do neoliberalismo.

A internet é a tecnologia de nosso tempo que tem como proposta conectar *todo mundo*. Longe de conseguir sustentar essa ideia de totalidade, o que chama atenção é que, ao vender um *mundo conectado*, vende-se uma proposta subjetiva sustentada pela lógica algorítmica. Os algoritmos, autômatos mutantes, que se oferecem como objetos tecnológicos, sustentam uma lógica que, por meio das plataformas, dão acesso à rede de internet. Nessa perspectiva, conceituar a internet como um dispositivo foucaultiano (Foucault, 1977/1994) nos possibilita tecer, no campo da análise psicanalítica de discursos (Dunker, 2016), articulações entre os campos de saber. Um dispositivo é tudo aquilo que é perpassado pelas instituições, discursos, leis, morais e arquitetura de dado tempo e que produz saber, poder e propostas subjetivas (Foucault, 1977/1994). Em vista disso, nosso objetivo é indagar o funcionamento do objeto tecnológico, os algoritmos, como um dispositivo de nosso tempo. Diante do exposto, perguntamo-nos também sobre a razão de nosso tempo e suas consequências discursivas.

Freud, em *Mal-estar da civilização* (1930/2020), destaca a imagem de um Deus-protético como ideal da modernidade. Essa passagem nos chama atenção quando observamos a posição do sujeito destacada por Lacan (1972/1978) no discurso do capitalista, pontuado na Conferência de Lacan em Milão em 1972. É diante dessas duas propostas de leitura que partimos para investigar os projetos de subjetivação contemporânea que parecem orientar para uma unificação do eu e do objeto a, sustentando a hipótese de que isso opera uma lógica autômata.

Para pensar o funcionamento da internet, e consequentemente dos algoritmos, retorna-se um pouco no tempo e retoma-se o domínio do fogo como a primeira ferramenta tecnológica. Esse destaque freudiano (Freud, 1930/2020) como um avanço civilizatório demarca o ponto crucial para a ideia de progresso humano em direção ao domínio da natureza pela cultura: Freud propõe que a noção de civilização moderna (e consequentemente colonial) está imbricada diretamente na noção de dominação, base do desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido, ao destacar que na leitura freudiana civilização e dominação andam lado a lado, é o texto de Freud que nos auxilia a resgatar alguns pontos referentes às tecnologias de domínio e o mal-estar da civilização. É no encontro com a palavra autômato em dois textos de Freud que tecemos uma costura na investigação sobre os lugares ofertados à máquina pelo olhar freudiano, seja em *Psicologia das massas e Análise do Eu* (1921/2020), ao destacarmos o tema da identificação, seja em *O infamiliar* (1919/2019), pelo qual a análise do conto *O Homem da Areia* (Hoffmann, 1815/2019) aproxima a noção de duplo e a infamiliaridade ao debate às tecnologias. Tal encontro marca a metodologia no campo de pesquisa em psicanálise, na proposta singular de dar voltas no furo do saber. Dito de outra forma, balizar os cortes discursivos entre ciência e psicanálise.

Entendemos que a passagem dos ideais modernos aos contemporâneos acompanha um caminho que vai das críticas ao Deus-protético (1930/2020) de Freud até o lugar do sujeito no discurso do capitalista de Lacan (1972/1978), aonde pretendemos chegar. Dado que é o trabalho de Lacan (1969-70/1992) que permite, ao propor uma economia de gozo, interpelarmos os domínios contemporâneos neoliberais e a falácia do ilimitado (1972/1978) diante dos discursos. Para isso, trazemos para o debate o filme *Metrópolis* (Lang, 1927), contemporâneo aos textos de Freud, que além de nos ajudar a pensar o mundo (Souza, 2021), orienta a discussão sobre essas passagens entre as tecnologias modernas e atuais e a imposição de dominação pela via do capital. O filme faz uma imagem ali onde as palavras tentam dizer.

Introduzimos neste momento um breve resumo do filme *Metrópolis* (Lang, 1927) para destacarmos ao longo do trabalho os pontos principais que dialogam tanto com a contribuição freudiana quanto lacaniana. *Metrópolis* é a cidade que dá o nome ao filme, cenário de um futuro distópico do ano de 2028, em que as máquinas têm seu lugar principal na exploração da forma de trabalho dos operários. A cidade é movida por essa força trabalhadora e é Fredersen o capitalista que detém os meios de produção. Além dos operários, Fredersen tem como seu aliado e empregado Rotwang, personagem que marca a história do cinema representando o primeiro “cientista maluco”. Um autômato é criado pelas mãos de Rotwang, que secretamente pretendia duplicar a mulher amada que perdeu. Entretanto, a partir de um levante dos trabalhadores movidos pela personagem Maria, que mobiliza os trabalhadores contra a exploração do capitalista, Fredersen pede a Rotwang que faça o autômato a imagem e semelhança dela. O objetivo do capitalista com a criação do cientista é arruinar a reputação da mobilizadora social e manipular os trabalhadores a partir de uma outra imagem de Maria. É esse recorte que nos interessa tratar aqui e que nos chama atenção para a proposta autômata do personagem capitalista, uma vez que vai ao encontro da função dada dos autômatos contemporâneos: duplos na produção de identificação e manipulação das massas.

Objetiva-se desenvolver esse destaque ao longo do texto, posto que a relação específica entre o cientista e o capitalista nos aproxima da mutação discursiva destacada por Lacan, que “confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista” (1969-1970/1992, p. 178). Essa modificação do lugar do saber, que abordaremos adiante, entre o discurso do mestre e o discurso da universidade, tenciona e favorece a mutação do discurso do capitalista que trazemos para pensar a internet e sua arquitetura de plataformas.

Freud e a tecnologia: dos autômatos às massas

Como destacamos, para Freud a tecnologia faz parte da cultura (*Kultur*) e se caracteriza como um domínio do humano. O fogo, como um exemplo da primeira tecnologia do mundo, foi, para o autor, uma ferramenta indispensável para compreendermos o avanço da civilização em relação às outras espécies. Tal proposição coloca em evidência a base do pensamento moderno, pelo qual é possível entrever a dicotomia precisa entre cultura e natureza. Além do fogo, a renúncia pulsional também se destaca como elemento essencial à composição do pacto civilizatório na perspectiva freudiana (Freud, 1930/2020), pois é aquilo de que é preciso abrir mão para se viver em comunidade, ação que gera mal-estar.

Freud (1930/2020) lança mão de um exemplo para pensar a relação social e a renúncia pulsional e resgata a imagem de porcos-espinhos no inverno: é preciso que eles não fiquem próximos demais para não se espetar, tampouco longe demais a ponto de não conseguirem aquecer-se um com o calor do outro. É o narcisismo das pequenas diferenças que se destaca em tal anedota, observando que na inscrição do outro no campo do eu o amor e o ódio são constitutivos do laço e estão presentes na renúncia pulsional. Entretanto, essa renúncia não é feita sem consequências, posto que implica o retorno de sentimentos adversos à demanda social. Na mitologia freudiana, foi preciso o estabelecimento de *tabus* em relação à sexualidade e à agressividade, respectivamente a proibição do incesto e do homicídio, e a instituição de um *totem* como símbolo do pacto para o estabelecimento da civilização. É em *Totem e tabu* (Freud, 1912-1913/2012) que observamos o espírito do tempo moderno na concepção freudiana de avanço civilizatório, haja vista que as sociedades, antes do pacto, são destacadas como *primitivas*.

Nessa perspectiva, propõe-se nomear algumas perspectivas freudianas como *mitologias*, visto que o autor tenta dar um sentido histórico-ficcional às questões das origens diante de suas concepções modernas de mundo. Isso significa retornar a Freud não literalmente. Como uma litogravura, o que nos interessa é compreender a marca de Freud no papel, para além da materialidade de suas ferramentas. Dito de outra forma, a modernidade como um saber produzido se situa também como um dispositivo tecnológico que moldou e ainda molda as bordas da concepção de mundo. Ou seja, o que nos interessa no destaque freudiano são os limites da renúncia pulsional, ali onde situa a tarefa impossível de uma cultura em eliminá-la (Freud, 1930/2020). Destaca-se que a modernidade, produção fruto de uma dada sociedade, também produziu, diante do engodo da renúncia pulsional, a segregação (Lacan, 1969-1970/1992), assim como podemos ler, o racismo e a desigualdade social como consequências desse programa civilizatório. A partir desses pontos, evidencia-se a herança de dominação das tecnologias que visam não só à autoridade em relação à natureza, mas tentam o apaziguamento entre mal-estar e cultura. A função da tecnologia na sociedade, destacada por Freud, parece fazer uma torção: primeiro se apresentou como chave para o governo da natureza e, *a posteriori*, como *prazer barato* para o alívio de tal dominação (Freud, 1930/2020). Questão que faz indagar, afinal: Quem governa o quê?

Benjamin (1987/1940) nos ajuda a pensar a questão do progresso e da cultura: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura” (p. 225). Essa citação aponta para uma crítica em relação à ideia de civilização como oposição à “barbárie”. Ela salienta que a tentativa moderna de progredir sobre a natureza, categorizando-a como “selvagem”, também faz uma torção ao perceber que esse “avanço” é bárbaro. Ao mesmo tempo, a compreensão de que a tecnologia também tenta dar conta do mal-estar da civilização permite entrever uma crítica de Freud, embora não muito evidente, às formas do funcionamento da cultura.

Assim, os ideais tecnológicos restam na sociedade moderna como tentativas de solução do mal-estar civilizatório, mas não têm qualquer sucesso. Modelos de *prazeres baratos* é a maneira como Freud (1930/2020, p. 335) se refere a esses objetos que vêm

tentar superar a angústia: após a guerra, o autor observa que as próteses são as tecnologias oferecidas aos corpos mutilados. Não só as próteses corretivas à violência da guerra chamam atenção de Freud, mas também ele destaca outras tecnologias que vão acoplar-se ao corpo do humano para tentar aplacar os sentimentos de mal-estar. O motor é ofertado às falhas do corpo humano, pois na busca de uma imagem de onipotência e onisciência o ser “tornou-se uma espécie de deus-protético” (Freud, 1930/2020, p. 340). Os óculos para ampliar a visão, a fotografia para preservar a memória e o carro para aumentar a velocidade são exemplos que ele traz como forma de prótese que ampliam os aparelhos de percepção na aproximação da imagem ideal de deus: o que tudo ouve, o que tudo vê, o que tudo sabe.

O deus-protético é para Freud um ideal que espelha as ofertas tecnológicas na tentativa de superar os limites pulsionais. Ou seja, oferta falaciosa de superar o mal-estar constitutivo do laço social sem que para isso tenha de se abrir mão da ideia de domínio; oferta falaciosa de superar os limites e fragilidades corporais diante do ideal de onipotência. Esse espelhamento da imagem onipotente de deus é ofertado pela possibilidade do avanço científico na modernidade, capaz de colocar à venda suas descobertas. Diante dessa colocação de Freud, em 1930, retornamos ao destacar a figura do autômato em outros dois de seus textos, em *O infamiliar* (1919/2019) e em *Psicologia das massas e análises do Eu* (1921/2020), para salientar as aparições autômatas naquilo que nos orienta ao tema do *estranho*, do duplo e da identificação nas massas, questões que se relacionam diretamente ao funcionamento da internet. A imagem do autômato vai ao encontro da crítica de Freud (1930/2020), colocando em cena esse deus de prótese que, na tentativa de superar os limites pulsionais, cria à sua imagem e semelhança sua própria criatura.

Em *O infamiliar* (1919/2019), o autômato aparece como uma personagem que Freud analisa do conto *O Homem da Areia*, de E.T.A. Hoffmann, de 1815. Interessado em abordar a ordem do sinistro, no qual o escritor do conto parece situar muito bem, Freud retoma o duplo como tema dessa obscuridade. Se antes o duplo era objeto das aparições fantasmagóricas, ele passa a se tornar possível nas duplicações da imagem da fotografia e do cinema (Chaves, 2019). Freud (1919/2019) relembra da infamiliar sensação de ver seu corpo, de repente, refletido no espelho e lhe causar estranha familiaridade. Primeiramente se surpreendeu com a figura de um velho fantasmagórico para depois dar-se conta de sua própria imagem refletida. O infamiliar é esse efeito para *além da imagem*, ali onde a imagem do objeto e da coisa se sobrepõem, transformando o familiar em algo que nos é estranho.

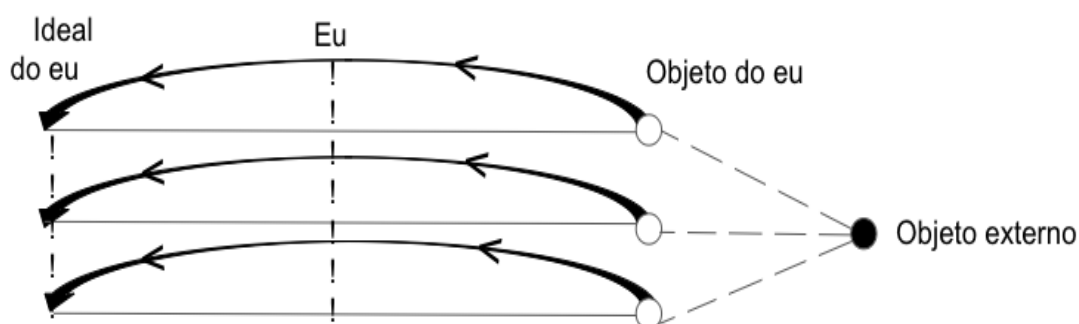
Resgatamos brevemente o conto de Hoffmann (1815/2019): o personagem Nathanael, ao mudar-se para uma nova cidade, conhece sua vizinha Olímpia, que ele vislumbra entre suas janelas. O que chama atenção dessa relação é como o olhar dela vai se avivando, pois primeiramente pareciam apagados, mas conforme o interesse de Nathanael cresce, nasce o olhar em Olímpia. Os elementos infamiliars no conto se dão pela duplicidade dos temas que se repetem na história do personagem: o olho e o olhar são retomados desde a infância até sua adultez, fazendo retornar, por deslocamento e condensação, o tema *ocular*. É pelo desvelamento dos olhos de Olímpia no chão, arrancados por seus criadores, que nós leitores, junto de Nathanael, descobrimos que ela nada mais é do que uma autômata de madeira.

O *estranho* se dá por algo que há entre essa duplicidade (entre Olímpia e a máquina) e repetição (das fantasias de Nathanael) que não entra na ordem da imagem (Lacan, 1962-1963/2005). Olímpia, como autômata, é suporte da identificação de Nathanael, no qual circunscreve a ordem de um objeto faltoso — o olhar — que não estava ali, mas que se apresenta como demanda dele. Olímpia, como um objeto tecnológico, destaca-se como suporte das identificações do personagem Nathanael e que nos faz uma questão, uma vez que parece aproximar-se do funcionamento de outra tecnologia articulada, mas contemporânea, que chamamos de algoritmos. Essa aproximação evoca o seu funcionamento, visto que os algoritmos trabalham sobre uma articulação dupla, entre o perfil da plataforma social e o eu que ali se coloca a interagir de forma digital. Como uma mimese de mundo, as conexões geradas pelo algoritmo são recebidas pelo usuário, espelhando a demanda do olhar (e da interação) em cada tela.

O que Freud destaca é como a relação com Olímpia, esse objeto tecnológico, faz reaparecer, duplicar, o infamiliar da própria história de Nathanael (o perigo perante o corpo, o risco diante da perda dos olhos), misturando-se na posição de objeto. Esta é a leitura lacaniana (1962-1963/2005) sobre o tema da angústia: quando a imagem do eu se sobrepõe ao lugar do objeto a, a angústia aparece, como um retorno dessa falta do objeto presentificada pela imagem. Questão que vai ao encontro das investigações de Ferreira (2023), quando afirma que as redes sociais “se articulam à estrutura dos sujeitos, respondendo a uma demanda constituinte” (p. 211) e que nos dá direção de como podemos ler clinicamente as urgências subjetivas muitas vezes desencadeadas na/pela rede perante o desamparo discursivo (Rosa et al., 2017). Assim, ora Olímpia e os algoritmos se aproximam ao ser ofertados como tela para as projeções daqueles que ali se identificam (fascinados ou estranhamente familiarizados); ora Nathanael, assim como os algoritmos, fazem demandar algo como objeto. Essa questão será mais bem desenvolvida quando discutirmos os lugares do discurso do capitalista (Lacan, 1972/1978), que nos oferece uma chave de leitura para essa inversão sinistra.

Os algoritmos, como tecnologias de automação, nos orientam a outro encontro nos textos de Freud: é a identificação do autômato do conto que faz eco na identificação apresentada em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2020). Nesse trabalho, Freud busca compreender a perda de autonomia da massa diante da posição do líder, destacando a leitura leboniana: “O indivíduo não é mais ele mesmo, mas um autômato, que não pode mais ser guiado pela própria vontade” (Le Bon, 1912/2004, p. 17). A escolha de Freud por essa citação nos chama atenção, seja pela própria ideia de autonomia e consciência do autor francês, contrária à proposta freudiana de inconsciente que subverte a lógica da razão cartesiana, seja pela presença da palavra autômato, que aparece como divergente àquilo que cabe ao ímpeto individual. Diante disso, ele também evidencia dois fenômenos ao pensar a fascinação das massas, a hipnose e o enamoramento, embora Freud (1921/2020) destaque suas dúvidas no que compete à ordem libidinal de cada fenômeno. Além dessas formas destacadas, Freud dá lugar ao fenômeno de identificação, no qual há uma substituição do ideal do eu dos indivíduos pelo ideal do eu do líder, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1— *Ideal do eu na massa*



Nota: Recuperado de *Psicologia das massas e análise do Eu*, de Freud, S. 1921, p. 192.

Diante do aparecimento da palavra autômato, assim como o ideal moderno do deus-protético, nas obras de Freud, destacamos os argumentos citados no intuito de indagar o estatuto dos algoritmos, aqui considerados objetos tecnológicos contemporâneos, a fim de questionar os ideais de nosso tempo.

A internet e os algoritmos

O lugar dos autômatos na obra de Freud (1919/2019; 1921/2020) nos auxilia a interrogar o funcionamento da internet plataformizada e os algoritmos por duas vias: quer pelo infamiliar, na insistência de uma imagem no lugar do objeto, como abordamos anteriormente; quer, pela via da sugestão de um ideal na massa, pela identificação do ideal do líder. Para abordar essa questão, retomamos brevemente a estrutura privada da internet e a história do desenvolvimento dos algoritmos para pensarmos nesse dispositivo atualmente.

A internet é um campo da política e sua história foi, e ainda é, marcada por disputas pelo território digital e formas de regulamentá-la. Se antes era espaço para construção de cenários utópicos de territórios (e softwares) livres, isso ficou no passado. Rapidamente a internet se integrou ao sistema econômico, sendo um pilar essencial para o desenvolvimento do neoliberalismo, pois, ao mudar sua estrutura de conexão, passou a exigir o acesso ao mundo digital a partir de plataformas (Morozov, 2018).

Lembramos que os dispositivos se dão numa rede de referências para responder a uma urgência num certo momento histórico (Foucault, 1977/1994, p. 299), e é nesse momento que as empresas de tecnologia aparecem para responder a uma urgência de seu tempo, e encontraram, nesse contexto, a oportunidade para criação de dispositivos que oferecem interfaces gratuitas para que os usuários possam se conectar com o mundo. Por quase duas décadas, a expansão desses dispositivos está relacionada com a omissão sobre seu funcionamento: ao confundir esses espaços on-line como públicos, ocultou-se o caráter privado dessas redomas por muito tempo. Isso porque a estrutura desses aplicativos, como Facebook, Instagram, X (antigo Twitter) e Google, foi sendo criada de tal modo que, para

acessá-los, obrigatoriamente, são extraídos os dados das interações digitais dos usuários da internet (Zuboff, 2021).

Os dados que restavam da interação do usuário das interfaces eram considerados restos/lixos, até o momento que se descobriu aquilo que sobrava poderia ser reinserido como insumo, primeiramente para o aplicativo se autoengendrar, por exemplo, para melhorar a experiência de autocorreção textual. Entretanto, foi num segundo momento, e não por acaso, que a criação passou a ter como finalidade as análises de perfil, direcionadas à publicidade (Zuboff, 2021). A história da privatização da internet está diretamente relacionada com a especulação de investimento de capital do Vale do Silício, que, no início dos anos 2000, cobrou radicalmente em busca de lucro e rentabilidade (Zuboff, 2021). A demanda capitalista do mercado financeiro por lucro, diante da inovação dos cientistas do mundo da tecnologia, foi responsável pela mutação do primeiro algoritmo (Zuboff, 2021), transformando sua finalidade inicial de autoaprendizagem para fins lucrativos na interação do usuário das plataformas digitais. Essa mutação alterou para sempre o cenário da internet, servindo como suporte para o capitalismo financeiro neoliberal. A partir disso, muitas pesquisas de comportamento e inovação tecnológicas começaram misturando áreas de estudo de psicologia, de marketing, de computação etc. (Zuboff, 2021), no intuito de encontrar formas mais lucrativas para lidar com a subjetividade do usuário. Afinal, quanto mais tempo de acesso, mais interação e dados são gerados.

Nessa perspectiva, criou-se uma política de simulação e recolhimento dos dados da interação digital, com o objetivo de unificar em bolhas o comportamento dos usuários por meio de rastros na rede (Parra, 2016), buscando compreender essas informações em conjunto, a fim de criar demanda na oferta de mais conteúdo, de mais produtos, de mais tempo de uso. Assim, as plataformas digitais são as empresas privadas responsáveis por “traduzir tecnologicamente” o novo mundo, num cenário cínico, como se essa “tradução” não tivesse interesses econômicos. Em outras palavras, ofertar plataformas privadas como se fossem públicas à população também foi uma forma de estancar a demanda de aprendizado digital, promovendo, antes que pudesse ser absorvido pela máquina estatal e pela agenda educacional, a privatização do mundo digital (Morozov, 2018).

O serviço das plataformas on-line é feito hoje por poucas empresas privadas que têm o domínio unânime do acesso aos dados de nossa interação, obtendo lucros inimagináveis e concedendo aos magnatas da tecnologia domínio não só sobre a política da rede de internet (Silveira, 2009) e da estrutura da internet por intermédio dos cabos submarinos que permitem a conexão mundial, como também sobre a soberania de muitos estados nacionais (Pereira & Faleiros, 2024). Hoje são cada vez mais observados crimes sendo cometidos ou sendo veiculados nessas plataformas, no entanto pouco são elas responsabilizadas, mesmo diante da gravidade de diferentes casos, seja pelo risco de golpe de estado por meio de manipulação das massas; golpes virtuais; comunidades de incitação criminosas; ou até mesmo cenas de extrema violência transmitidas ao vivo. Diante desse embate, a pauta sobre regulamentação das redes sociais se transforma em um desafio cada vez maior, visto que o poder econômico e político dessas empresas desafia a autonomia estatal, numa influência política cada vez maior (Pereira & Faleiros, 2024).

Destarte, além de o fato do território da internet não ser público, ele também não é estático, isso porque, por intermédio da separação dos usuários da internet por bolhas de interesse, a sugestão dos algoritmos parece “mais certa” às características de um grupo na expectativa de mais tempo on-line (Parra, 2016). A partir desse modo de operar, o conteúdo que aparece em cada rede social também se dá dessa forma, criando *um estado de mundo* muito distinto do outro. Quando falamos de política, democracia e cidadania, essa forma de operação se mostra bastante perigosa, pois a manipulação por meio de *fake news*, por exemplo, se beneficia dos “mundos” separados por essas bolhas (Morozov, 2018). Cabe destacar que a internet não modificou “a realidade”, afinal compreendemos, como Lacan (1962-1963/2005), que aquilo que chamamos de realidade se dá a partir dos três registros (simbólico, imaginário e real), mas modifica-se a cena do mundo, através dos significantes, essa forma simbólica (e escassa) que se tem para lidar com os escombros/despedacamento do mundo. Isso significa dizer que a cena do mundo responde a uma urgência, tensionando ainda mais a relação entre os conceitos de verdade, informação e narrativa. Essa estrutura privada e em bolhas permite ainda mais a distorção deliberada para manipulações políticas, indo ao encontro da estrutura sugestiva da massa por meio do ideal do líder, destacada por Freud (1921/2020). Diante do exposto, observa-se que a aparição autômata nos textos de Freud sustenta o lugar das tecnologias dos dias de hoje.

A mutação capital e seu objeto

A história da mutação algorítmica, que ocorre mediante a aliança entre os cientistas e os capitalistas investidores do Vale do Silício (Zuboff, 2021), faz lembrar a aliança entre ciência e capital, característica principal das condições de possibilidade neoliberal. Aliança essa vislumbrada em *Metrópolis* (Lang, 1927) e que nos causa certa infamiliaridade: como um filme de quase 100 anos atrás pôde antecipar tão bem o tema da criação autômata em busca do governo das massas?

No filme *Metrópolis* (Lang, 1927), o cientista e o burguês nos remetem a uma representação da união da tecnicização da ciência e do capital, colocando como filho no mundo o autômato como objeto tecnológico. Em 1960, Lacan ironiza a fala do que a “ciência” diria para o “poder”: “*Deem-nos dinheiro, vocês não se dão conta, se nos derem um pouco de dinheiro, do que não poríamos como máquinas, como troços e trens, a serviço de vocês*” (1959-1960/2008, p. 379). Ironia que destaca uma urgência da ciência por saber, pela qual Lacan resgata a lembrança da criação da bomba atômica por Oppenheimer. Essa passagem nos remete a essas criações científicas e suas reverberações no tecido político e social, indagando sobre o papel dos algoritmos diante da cultura. Assim como os algoritmos em nosso tempo, o autômato de *Metrópolis* (Lang, 1927) é objeto, suporte e veículo da identificação dos ideais modernos, que antecipa a mobilização das massas tal qual se pôde ver na Alemanha nazista. Essa antecipação também pode-se entrever no texto de Freud (1921/2020), quando o autor teorizou sobre o fascismo antes mesmo de seus acontecimentos históricos (Adorno, 1951/2015). O totalitarismo do século XX, destacado a partir do conceito freudiano de identificação, caracterizou-se por tentar eliminar a divisão da verdade, ou seja, romper com a

diferença na instauração de um reino onde o ideal do líder é o comum e sobreposto na massa (Rinaldi, 2021).

A tecnologia, como uma tentativa de domínio civilizatório, tenta aniquilar o que não cessa de produzir o mal-estar pela própria cultura. É nesse sentido que a relação entre algoritmos, capitalismo e psicanálise nos convoca a pensar a tecnologia naquilo que esquadrinha a política e o social. Nesse sentido, a crítica de Freud (1919/2019; 1921/2020; 1930/2020), que se destaca pela unificação do eu a seus ideais narcísicos, ideais autômatos tecnológicos, encontraria a crítica lacaniana de um sujeito falacioso que se unifica ao aproximar-se do objeto (Lacan, 1972/1978)?

A teoria dos discursos foi o modo que Lacan (1969/1970/1992) encontrou para dar lugar, em seu ensino, à compreensão do laço social e das tentativas de recuperação de um gozo irrecuperável. A impossibilidade de resgatar o que se perde na relação com a linguagem se associa diretamente com o que Freud (1930/2020) pontuou entre civilização e renúncia pulsional. O deus-protético e os autômatos são os ideais que tentam dar conta, sem sucesso, dessa perda; e os objetos tecnológicos são suportes de identificação e espelhamento daquele que tudo ouve, tudo vê e tudo sabe. Nessa perspectiva, os discursos nos orientam na relação direta entre as soluções de cada época a esses ideais.

A instauração do discurso e a constituição do sujeito são concomitantes, o que significa dizer que o efeito do discurso, o mais-de-gozar, se caracteriza por ser a perda de gozo que o sujeito sucumbe para estar na relação com o Outro (Lacan, 1969-1970/1992). Embora “a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 72), os discursos apontam precisamente para o impossível e a impotência do que cada um articula. O laço social se constitui precisamente pelo impossível que se coloca entre o campo do sujeito e do Outro. Pontualmente, o mais-de-gozar no discurso do mestre está no lugar da produção; no discurso da universidade, no lugar do outro; no discurso da histeria, no lugar da verdade; e no discurso do analista, no lugar do agente. Os lugares e elementos alteram a relação que cada discurso tem, alterando também a passagem de um discurso a outro. Cabe, neste momento, destacar brevemente a passagem do discurso do mestre ao discurso da universidade, ao lembrar do destaque de Lacan sobre a ciência e o capital.

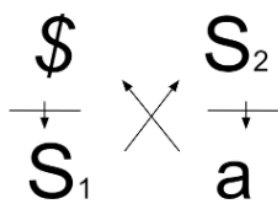
Lacan (1969-1970/1992), antes de instituir o que chamou de discurso do capitalista (1972/1978), já salientava sobre a relação capitalista na passagem do discurso do mestre ao discurso da universidade. Essa passagem se caracteriza pelo *saber* que deixa de estar no lugar do outro para ocupar o lugar de agente, demandando do outro a posição do objeto. Temos aí então a primeira forma de compreender, para Lacan, o que é o capitalismo. Nesse sentido, a objetificação da ciência é a característica do discurso da universidade, destacando seu estilo capitalista. Ao retomarmos o filme *Metrópolis* (Lang, 1927), podemos observar, como um exemplo disso, a posição dos trabalhadores da cidade que não detêm o saber que o capitalista necessita, pois ocupam um lugar objetificante e de resto ao serem colocados para executar um trabalho a serviço das máquinas. É na relação com as máquinas (o meio de produção) que o trabalhador perde o seu saber. Posição que nos indaga por ser ofertada atualmente pelas redes sociais: somos aqueles que trabalham a serviço do capital, ali onde a interação digital significa gerar dados que nos retornam como demanda de mais interação (mais trabalho).

Diante dessas colocações é que podemos questionar se o discurso do capitalista, que surge a partir das opressivas do neoliberalismo, se institui como um antidiscurso, uma vez que a mutação capital, entre o significante mestre (S_1) pelo sujeito barrado no discurso do mestre, faz aparecer um discurso não mais balizado pelo seu impossível, mas sim caracterizado por sua promessa falaciosa. Em 1972, quando Lacan (1972/1978) apresenta pela primeira vez a estrutura do matema do discurso do capitalista, ele é decisivo ao pontuar que “não há trinta e seis possibilidades, há somente quatro” (p. 52) possibilidades de discurso. Afirmção que dá abertura para pensar a crise do antidiscurso mais próxima dos ideais, invocando um novo sujeito.

O suposto novo sujeito do discurso do capitalista é falacioso, na medida em que a característica primordial da relação social se perde nesse discurso. Se há uma relação direta entre sujeito e objeto, perde-se o estatuto do sujeito, pois este é instituído por sua barra, na sua relação impossível com o objeto. Assim, individualizado, o suposto novo sujeito do discurso do capitalista parece mais uma proposta de unificação narcísica diante dos ideais do que o sujeito que é barrado a partir de sua relação impossível com a linguagem. Assim, o tal “novo” sujeito parece se situar bem mais na ordem do deus-protético e dos autômatos, esses ideais construídos como tentativas de recuperação da renúncia pulsional. Diante disso, parece que é aí que Lacan se aproxima de Freud, sustentando uma crítica de seu tempo. Eis que o discurso que não faz laço social desliza, ou seja, anda tão bem que “se consome, se consome tão bem que se consuma” (Lacan, 1972/1978, p. 48) — e esse deslizamento, sem uma baliza entre os elementos do matema, propõe que gire de maneira infinita em distintas direções.

Figura 2 – *Discurso do capitalista*

Discurso do Capitalista



Nota: Recuperado em *Lacan in Italia*, de Lacan, J. 1972/1978, p. 40.

Na Figura 2, podemos observar que é especificamente a relação direta que o objeto *a* passa a ter com o sujeito barrado que dá a falsa promessa de completude entre eles (Brunhari, 2021), visto que o sujeito foi barrado justamente por ter tido seu objeto perdido. Nessa perspectiva, o que se vê, longe de ser uma solução ao paradoxo da própria constituição do sujeito e da linguagem, é a automatização do sujeito, ali onde ele perde seu estatuto. O curto-circuito, o movimento ilimitado, que propõe tal encontro provoca uma relação de automação, uma espécie de acoplagem. Objetifica-se o sujeito, torna-se autômato. Longe de ser autônomo de seu próprio destino, o sujeito da psicanálise sustenta a divisão que a linguagem impõe. Destarte, a proposta de objetificação do sujeito se coloca entre buscar tudo ver, ouvir e saber e ser visto, ouvido e sabido pelo discurso dominante. Essa acoplagem não situa mais

o sujeito barrado como da ordem da castração, mas, ao contrário, um autômato dos objetos — autômato que de tanto que consome se consuma. É nessa relação de automatismo que o sujeito, autômato do discurso do capitalista como um objeto do mais-de-gozar, é produto da própria tentativa de recuperação de gozo.

Considerações finais

Compreende-se que ao abordar o campo do discurso do capitalista (Lacan, 1972/1978) é preciso indagar, a partir das premissas apresentadas, que em suas características conceituais e epistemológicas se impõe um limite discursivo; pois, se o discurso do capitalista não se caracteriza como um discurso que implica uma perda e uma divisão entre sujeito e outro, ele se situa como um antidiscurso lacaniano. A partir dessa afirmação, lançamos como observação que a perspectiva foucaultiana (Foucault, 1977/1994) pode oferecer, nesse impasse, possibilidades de articulação nas investigações sobre essa razão e o campo do poder. Ou seja, tomando o discurso do capitalista como um discurso neoliberal, uma proposta de subjetivação, podemos compreender os atravessamentos ideais e normativos que se colocam em questão, como a liberdade e a conexão irrestrita. A promessa de um gozo sem perdas, isto é, de uma satisfação pulsional que tenta superar o impossível da renúncia, promove uma nova razão. Essa objetualização em forma de proposta subjetiva impacta e não é colocada sem consequências, uma vez que a demanda ilimitada faz sintoma no laço social diante de suas impossibilidades.

O governo neoliberal propõe uma visada individual específica, pois ali onde o indivíduo se apresenta como capital humano ele é responsável pelo próprio desenvolvimento, sucesso e fracasso (Dardot & Laval, 2016). Não mais o Estado e o mercado como responsáveis pelas crises da estrutura do capitalismo — a objetualização do sujeito coloca o indivíduo automatizado, como aquele que precisa estar apto a “suportar as novas condições que lhe são impostas” (p. 329). Assim, Dardot e Laval (2016) afirmam que há uma inversão na dominação, na medida em que a vontade de domínio se mostra cada vez mais eficaz ali onde o próprio indivíduo demanda sua sujeição. A demanda de uma satisfação se faz como ponto de referência para a execução desse poder capital, sendo substituídos os antigos dispositivos de conduta das sociedades modernas, marcadas por Foucault (1978-1979/2008). O trabalho de si é a novidade dessa tecnologia de automação que situa uma imprecisão entre demanda e liberdade, ao ser suprimido qualquer sentido de alienação (Dardot & Laval, 2016).

Diante do exposto, há na razão liberal uma específica proposta subjetiva, ordenada pelos algoritmos, a obedecer ao trabalho imposto ao humano pelas tecnologias. O usuário trabalha para os algoritmos, invertendo aí a demanda. Objetificado, o usuário da internet transforma seu espaço de lazer e ócio em trabalho, ao passar cada vez mais tempo rolando sua tela de celular. A razão neoliberal, engendrada pela posição do discurso do capitalista (1972/1978), sustenta uma falsa complementaridade entre sujeito e objeto. E parece que é justamente por essa falsa relação direta entre o sujeito e o objeto que os ideais neoliberais são sustentados como ideais individuais. É aí que o ideal do eu do líder capital ocupa o lugar do ideal do eu dos indivíduos da massa. Sendo assim, observa-se que os trabalhadores que perderam

os direitos trabalhistas (como os *influencers*, motoristas da Uber e entregadores da iFood), muitas vezes, são os primeiros a fascinar-se com o lugar de empreendedor de si. Renuncia-se a certa relação com o saber pela falaciosa liberdade do *behappy*. Em vista desse fenômeno, há algo que retorna ao *eu* em um processo identificatório e ilusório, uma proposta que deixa de ser subjetiva e passa a ser ultrassubjetiva (Dardot & Laval, 2016), ou seja, ultraindividual.

A internet plataformizada parece ser veículo e suporte desses ideais neoliberais, pela via da identificação das massas, obedecendo diretamente à demanda apresentada pelo algoritmo, tecnologia que obedece aos interesses capitalistas, tal qual podemos observar em *Metrópolis* (Lang, 1927). Esses questionamentos nos fazem indagar sobre o líder contemporâneo, ocupado pelas diligências do Capital (Bueno, 2019), a tal mão invisível do mercado também está por trás da maquinaria autômata. Isso posto, a leitura a contrapelo do texto freudiano oferece elementos para questionarmos essa estrutura discursiva lacaniana na afirmação de que o discurso do capitalista é uma falácia, tal qual sua tentativa de unificação entre sujeito e objeto. E como horizonte do que aqui procuramos discutir, nas implicações sobre o sofrimento na atualidade, a estrutura da internet por meio dos algoritmos promove uma lógica de automação, sucumbida pelo ideal da metalinguagem. O UNiverso pelo qual o METAverso tenta contemplar?

Não nos parece que a resolução dessas problemáticas contemporâneas estejam próximas ao fim de *Metrópolis* (Lang, 1927), no qual o capitalista proprietário dos meios de produção dá um passo para trás ao dar-se conta de toda a ganância exploratória que a maquinaria de seu poder impõe. Nesse sentido, cabe ao campo científico e político as devidas mobilizações para o desenvolvimento de regulamentações de leis que estabeleçam o funcionamento da internet no Brasil. E, dessa forma, é importante considerar a necessidade de ampliar o campo de debates da psicanálise com outras pesquisas teóricas e também empíricas sobre os fenômenos tecnológicos.

Referência

- Adorno, W. T. (2015). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In Adorno, W. *Ensaio sobre a psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp. (Obra original publicada em 1951)
- Benjamin, W. (1987). Sobre o conceito de história. In Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense. (Obra original publicada em 1940)
- Brunhari, M. V. (2021). Fascismo e discurso capitalista: um objeto sintético. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 24(3), 522-541. Recuperado em 10/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n3p522.5>>.
- Bueno, C. M. de O. (2019). A psicologia das massas nos discursos da dominação. *Correio Appoa*, 288(1). Recuperado em 10/06/2026 em: <https://appoa.org.br/correio/edicao/288/a_psicologia_das_massas_nos_discursos_da_dominacao/721>.
- Chaves, E. (2019). Perder-se em algo que parece plano. In Freud, S. *O infamiliar e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

- Dunker, C. I. L. (2016). *Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Ferreira, P. P. (2023). *Sujeito e gozo escópico nas redes sociais*. São Paulo: Benjamin Editorial.
- Foucault, M. (1994). Le jeu de Michel Foucault. In Foucault, M. *Dits et écrits III*. Paris: Éditions Gallimard. (Obra original publicada em 1977).
- Foucault, M. (2008). *O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1978-1979)
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In Freud, S. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1856-1939)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912-1913).
- Freud, S. (2019). O infamiliar. In Freud, S. *O infamiliar e outros escritos (1856-1939)*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1919).
- Freud, S. (2020). O mal-estar na civilização. In Freud, S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos (1856-1939)*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1930).
- Freud, S. (2020). Psicologia das massas e análise do Eu. In Freud, S. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos (1856-1939)*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1921).
- Hoffmann, E. T. A. (2019). O homem da areia. In Freud, S. *O infamiliar e outros escritos (1856-1939)*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1815).
- Lacan, J. (1978). Discours de Jacques Lacan à l'Université de Milan le 12 mai 1972. In Lacan in Italia. Milão: La Salamandra. (Obra original publicada em 1972).
- Lacan, J. (1992). O Seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1969-1970).
- Lacan, J. (2005). *Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1959-1960).
- Lang, F. (Diretor). (1927). *Metrópolis* [Filme]. Universum Film AG; Destination Films; Paramount.
- Le Bon, G. (2004). *Psicología de las massas*. Buenos Aires: La editora virtual. (Obra original publicada em 1912)
- Morozov, E. (2018). *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu.
- Parra, H. Z. M. (2016). Abertura e controle na governamentalidade algorítmica. *Revista Ciência e Cultura*, 68(1), 39-42. Recuperado em 10/06/2026 em: <<http://doi.org/10.21800/2317-66602016000100013>>.
- Pereira, L. D. A. & Faleiros, J. L. M., Jr. (2024). A regulamentação das plataformas digitais no Brasil e a defesa da soberania nacional. *Revista de Ciência do Estado*, 9(1), 1-22. Recuperado em 10/06/2026 em: <<https://doi.org/10.35699/2525-8036.2024.52248>>.

- Rinaldi, D. (2021). Psicologia das massas, mais ainda: fraternidade, ódio e segregação. *Revista Trivium: Estudos Interdisciplinares*, 13(1), 56-62. Recuperado em 10/06/2026 em: <<http://doi.org/10.18379/2176-4891.2021vNSPEAp.56>>.
- Rosa, M. D., Estevão, I. & Braga, A. P. M. (2017). A clínica analítica implicada: conexões com a cultura, a sociedade e a política. *Psicologia em Estudo*, 22(3), 359-69. Recuperado em 10/06/2026 em: <<https://doi.org/10.4025/psicolestud.v22i3.35354>>.
- Silveira, S. A. (2009). Novas dimensões da política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada. *Interação em psicologia*, 17(34), 103–113. Recuperado em 10/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-44782009000300008>>.
- Souza, E. (2021). *Os filmes pensam o mundo*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Zuboff, S. (2021). *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

The capitalist discourse between algorithms and automation

Abstract

By understanding the platformed internet as a field of neoliberal advancement, the status of the technological object, algorithms, is questioned considering the perspectives of Freud and Lacan. The aim is to investigate the Freudian idea of a prosthetic god that juxtaposes itself with the position of the subject in Lacan's proposal of the Discourse of the Capitalist. We interrogate contemporary automatons and ideals from the technological context, which promote a new automaton reason. Thus, the film Metropolis (Lang, 1927) guides the discussion about ordering through capital and its relationship with science and helps with questions regarding this necessary articulation in the technological field. In this sense, the platformed internet is understood as a vehicle and support for a reason that turns relations subjective in objects, the fallacious attempt to unify subject and object, into a subjective project by sustaining ideals through the identification of the masses and obedience to the demand forged by the algorithm. Thus, it is understood that the character of the Capitalist Discourse at the same time automates the subject and also affirms its anti-discursive logic in the field of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. Algorithm. Capitalist Discourse. Automaton. Culture.

El discurso del capitalista entre algoritmos y automatización

Resumen

Al comprender la internet plataformalizada como un campo de avance neoliberal, cuestionamos el estatus del objeto tecnológico, los algoritmos, a la luz de las perspectivas de Freud y Lacan. Buscamos investigar la idea freudiana de un dios protésico que se yuxtaponen con la posición del sujeto en la propuesta de Lacan del Discurso del Capitalista. Interrogamos a los autómatas y los ideales contemporáneos desde el contexto tecnológico, a través del cual promueven una nueva razón automática. Así, la película Metrópolis (Lang, 1927) guía la discusión sobre el ordenamiento a través del capital y su relación con la ciencia, y ayuda a cuestionar esta necesaria articulación en el campo tecnológico. En este sentido, la internet de plataforma se entiende como vehículo y soporte de una razón que convierte la objetivación, un intento falaz de unificar sujeto y objeto, en un proyecto subjetivo al sustentar ideales mediante la identificación de las masas y la obediencia a la demanda forjada por el algoritmo. Así, se entiende que el carácter del Discurso Capitalista al mismo tiempo automatiza al sujeto y afirma su lógica antidiscursiva en el campo del psicoanálisis.

Palabras clave: Psicoanálisis. Algoritmo. Discurso del Capitalista. Autómata. Cultura.

Le discours du capitaliste entre algorithmes et automatisation

Résumé

En comprenant l'Internet plateforme comme un champ de l'avancée néolibérale, se pose la question du statut de l'objet technologique, des algorithmes, à la lumière des perspectives de Freud et Lacan. Nous cherchons à explorer l'idée freudienne d'un dieu-prothétique qui se superpose à la position du sujet dans la proposition lacanienne du Discours du Capitaliste. Nous interrogeons les automates et les idéaux contemporains à partir du contexte technologique, qui promeuvent une nouvelle raison automate. Ainsi, le film Métropolis (Lang, 1927) oriente la discussion sur l'organisation par le biais du capital et sa relation avec la science et collabore à la recherche de cette articulation nécessaire dans le domaine technologique. Dans ce sens, l'Internet plateforme est compris comme un véhicule et un support d'une raison qui rend l'objectalisation, la tentative fallacieuse d'unifier sujet et objet, comme un projet subjectif en soutenant les idéaux par l'identification des masses et par l'obéissance à la demande forgée par l'algorithme. Ainsi, on comprend que le caractère du discours capitaliste automatise à la fois le sujet et affirme également sa logique anti-discursive dans le champ de la psychanalyse.

Mots-clés: Psychanalyse. Algorithme. Discours du Capitaliste. Automate. Culture.

Recebido em: 11/03/2025

Revisado em: 24/08/2025

Aceito em: 24/08/2025